

Tropas sem alimentos nem salários

Séc. J6

Armazéns da «Visão Mundial» assaltados na Mutarara por soldados

13/12/93

Dez soldados governamentais invadiram os escritórios e a residência do pessoal da Organização Humanitária Norte-Americana «Visão Mundial» em Mutarara, Província do Tete, exigindo alimentos, disse fonte oficial moçambicana.

Segundo a Agência de Informação de Moçambique (AIM), os soldados fizeram o assalto sábado passado, empunhando armas de fogo, mas não causaram vítimas.

A fonte referiu que os atacantes levaram dos locais assaltados 50 sacos de milho, oito sacos de feijão e dez caixas de óleo alimentar.

A AIM indica que os soldados desencadearam a «operação» alegadamente por falta de alimentos há mais de três semanas no quartel.

Os mesmos soldados acusam as organizações

humanitárias internacionais que operam naquela região de canalizarem o seu apoio somente aos homens da Renamo.

Na seqüência desta acção, os escritórios e os armazéns da «Visão Mundial» em Mutarara estão encerrados e o seu pessoal foi retirado para o centro da capital provincial, a cidade de Tete, devido a falta de segurança, refere a AIM.

O comandante militar provincial disse ter apenas conhecimento de que os militares foram às organizações não-governamentais em Mutarara pedir ajuda alimentar, tendo reconhecido que os soldados não tinham, de facto, comida no quartel.

De acordo com o comandante, aqueles militares estão há tempos sem abastecimento alimentar e sem salários.

Num outro incidente envolvendo militares do co-

mando de escolta de comboios no «corredor de Nacala», no norte de Moçambique, um chefe da Estação dos Caminhos de Ferro de Moçambique (CFM) ficou ferido depois de ter sido duramente espancado.

A AIM diz que os motivos da agressão continuam na «escuridão» mas que os autores estão bem identificados.

Entretanto, e ainda segundo a mesma fonte, um grupo de deficientes físicos recentemente repatriados do Maláwi ameaça interromper a qualquer momento o tráfego rodoviário no troço Inhaminga/Caia, na província central de Sofala.

O troço entre Inhaminga e Caia tem cerca de 70 quilómetros.

Uma fonte do Governo Distrital é citada como tendo dito que a atitude dos deficientes tem a ver com o seu regresso às suas zo-

nas de origem e que para isso exigem dinheiro para as passagens.

Segundo a mesma fonte, aqueles deficientes são na maioria mutilados de guerra que regressaram espontaneamente ao país e tem estado a praticar actos de vandalismo, erguendo barricadas na ponte sobre o rio Zangue.

A AIM indica que a situação é já do conhecimento do Governo de Caia e informações de Sofala indicam que aqueles deficientes têm estado a beneficiar de apoio alimentar da «Visão Mundial».

Desde a assinatura do acordo geral de paz, em 4 de Outubro de 1992 em Roma, cerca de 48 mil pessoas que vivem em diversas áreas de Sofala regressaram espontaneamente às suas zonas de origem utilizando os seus próprios meios.